

Illustração Portuguesa

DIRECTOR **Carlos Malheiro Dias** = DIRECTOR ARTÍSTICO: **Francisco Teixeira**

Assinatura para Portugal, colónias e Hespanha

4\$800

2\$400

1\$200

Assinatura conjuncta do Século, do Supplemento Humorístico do Século e da Illustração Portuguesa

PORTUGAL, COLÓNIAS E HESPANHA

8\$000

4\$000

Anno.

Semestre.

Trimestre.

Mez (em Lisboa).

2\$000

700

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS — **Rua Formosa**

EDITOR — **José Joubert Chaves**



A TOMBOLA DAS AMENDOAS NO LARGO DE S. DOMINGOS

Summario

A SEMANA SANTA EM LISBOA, 43 illust.—TINA DI LORENZO, NO THEATRO D. AMELIA, 1 illust.—O PIN-
TOR GYRÃO, 14 illust.—VIDA ARTISTICA, 2 illust.—A REAL CASA PIA DE LISBOA, 41 illust.—PEOR QUE
A MORTE, 5 illust.—FIGURAS E FACTOS, 10 illust.

Comprem as

Sedas Suissas

Peçam as amostras das nossas sedas, novidades de primavera e de verão para vestidos e blusas:

Eclair, taffetas de luto, Louisa para de dia, **Muselin** 120 cm. de largura desde fr. 1,35 o metro, em preto, branco, lila e fantasia, assim como blusas e vestidos em **batista bordado**. Vendemos as nossas sedas garantidas solidas directamente aos particulares e franco de porte ao domicilio.

Schweizer & Co.
LUCERNE Z. 19 (SUIÇA)
Exportação de sedas

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa, Madame Brouillard



Diz o passado, o presente e o futuro com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias chiromancia, phrenologia e physionomia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambroze, d'Arpentigny, Madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Da consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite, em seu gabinete, 43, rua do Carmo, sobreloja. Consultas a 1\$000, 2\$500 e 5\$000 réis.

Vende-se em todas as relojoarias e...

**UNION MARITIME E MANNHEIM**

Companhia de seguros postaes, maritimos e de transportes de qualquer natureza

A Companhia La Union y El Fenix Español, rua da Prata, 59, 1.º, effectua seguros sobre a vida mediante varias condições, inclusive o seguro denominado POPULAR para o qual não é necessario certificado medico.

Directores em Lisboa:

LIMA MAYER & Co.

RUA DA PRATA, 59, 1.º—Lisboa

NESTLÉ

FARINHA LACTEA

32 medalhas de ouro incluindo a conferida na Exposição Agrícola de Lisboa

PREÇO 400 RÉIS

Piolet SABÃO REAL DE THRIDACE
Parfums PARIS Sabão "Veloutine"

Receita pela methodo d'Hygiene en Pêles Alvas de Basse.

PRINCIA NOUVEAU PARFUM VIOLET

29, B^{is} des Italiens, PARIS

SEDATIVO BEIRÃO**ANTI-DYSMENORRHEICO**

É o mais adequado e soberano medicamento para todos os soffrimentos que precedem ou acompanham as menstruações irregulares (dysmenorrea). Cura ou allivia as colicas uterinas e dos ovarios, as dores reflexas muito violentas na cabeça, estomago, ventre e quadris; vertigens, spasmos, convulsões, ataques nervosos, hysterics e outros; nauzeas, vomitos, diarrheas, abate a elevação do ventre por accumulação de gases, a turgidez das veias das pernas e das hemorroidarias que muito complicam as menstruações irregulares. O **Sedativo «Beirão»** actua com especialidade sobre o utero, orgãos annexos e dependentes, dá-lhes energia muscular, regularisa as suas funções e é muito eficaz na atonia dos ovarios e na debilidade ou fraqueza do utero. É indispensavel na amenorrea accidental ou suspensão subita das regras por effeito de resfriamentos, emoções ou sustos. O **Sedativo «Beirão»** contém propriedades tónicas, adstringentes e antisepticas, muito efficazes para debellar o fluxo branco-uterino vaginal (leucorrea).

O **Sedativo «Beirão»** é de grande valor therapeutico na menopausa ou cessação final das regras. Elle tonifica as fibras musculares do estomago e intestinos, assegura o regular movimento peristaltico e antiperistaltico d'estas visceras que, quando invertido, é origem e sustentaculo de graves perturbacões gastro-intestinaes, diminue a pressão sanguinea, estabelece o equilibrio de circulação e consequentemente melhora os perigos da superabundancia de sangue e outras molestias que sobreveem pela cessação final dos menstruos n'esta mudança da vida da mulher. O **Sedativo «Beirão»** não é contra indicado nas molestias uterinas e dos ovarios que dependem de lesões d'aquelles orgãos ou de intervenção cirurgica.

Depositos autorisados: Em Portugal: Pharmacia Liberal—Avenida da Liberdade, 167; Lisboa.—Pharmacia do Padrão—Rua Formosa, 10, Porto.—Inglaterra: export. Ionia; Mr. J. Wiman.—Export Druggist, 58 e 59, Bunhill Row London, E. C.

Prix du flacon: huit francs. Franco pour tous les pays de l'Union postale, contre mandat de poste adressé a Marciano Beirão, Avenida da Liberdade, 167—Lisbonne.



O principio e seguimento das minhas regras mensaes foi sempre anunciado e acompanhado de perturbacões que constituem para mim um verdadeiro martyrio e muitas vezes perdio os sentidos. Foi n'uma d'estas crises que o meu medico assistente, o ex.^o sr. dr. Arantes Pereira, me prescreveu o **Sedativo Beirão** anti-dysmenorrhoico, cujos efectos calmantes se não fizeram esperar.

Tenho repetido o uso d'este agraavel remedio uma semana em cada mez, e noto com verdadeira surpresa que as regras apparecem agora regularmente e sem dores.

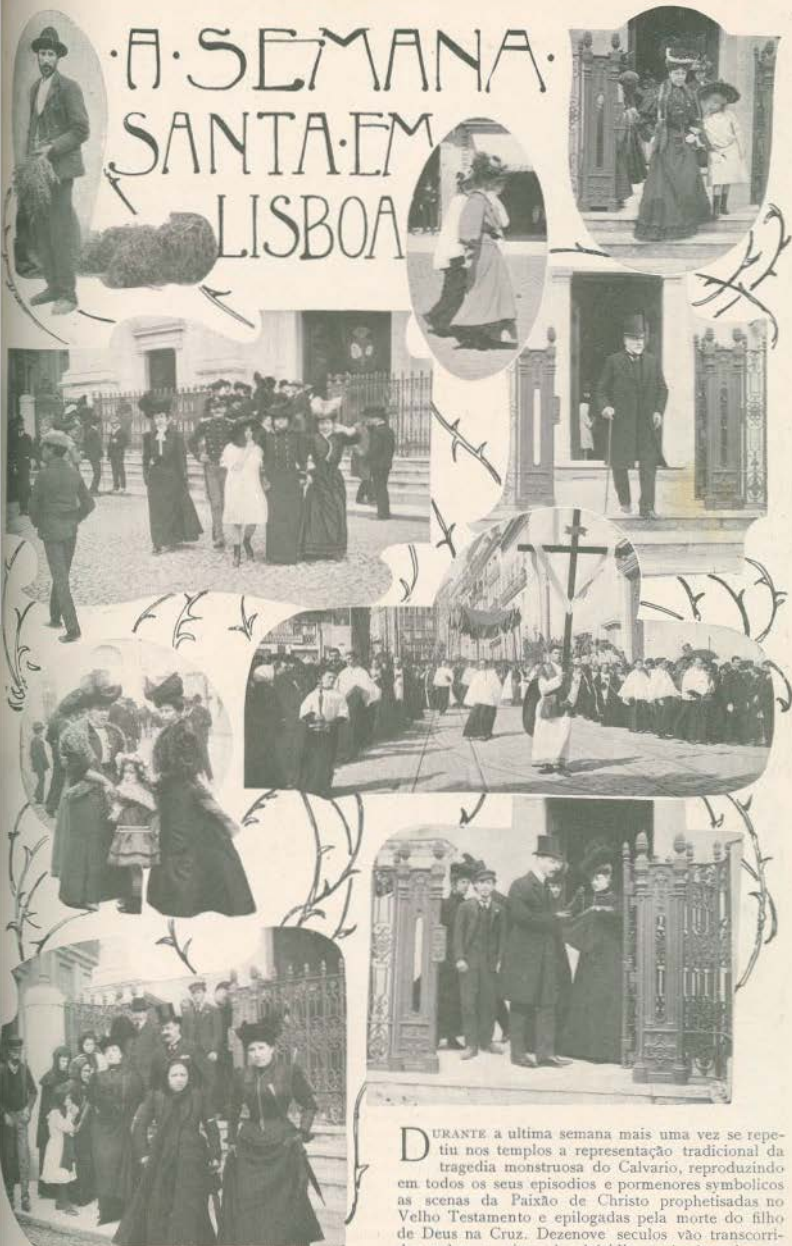
Nem nos remedios caseiros nem das Pharmacias jámais consegui um allivio.

Porto, rua de S. Lazaro, 126, em 30 de novembro de 1903—Escilla Aurelia Fernandes.

(Segue o reconhecimento do illustre A. Borges d'Avelar.)

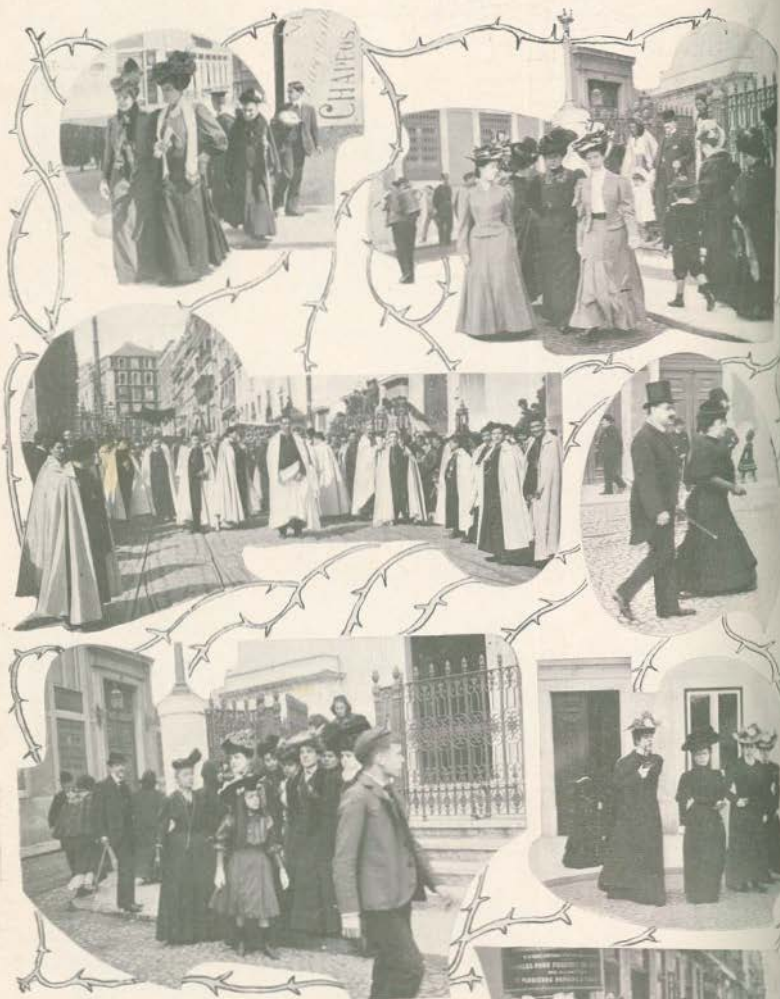
Instructions pour l'usage en portugais, en espagnol, en français, en anglais, en italien, en allemand, en hollandais, en russe et en hébreu.

A SEMANA SANTA EM LISBOA



DURANTE a ultima semana mais uma vez se repetiu nos templos a representação tradicional da tragedia monstruosa do Calvario, reproduzindo em todos os seus episodios e pormenores symbolicos as scenas da Paixão de Christo prophetisadas no Velho Testamento e epilgadas pela morte do filho de Deus na Cruz. Dezenove seculos vão transcorridos sobre o crime de deicidio praticado pelos sa-

Inde de rosmaninho—A caminho da egreja—Condessa de Paraty—O sr. conde d'Azambuja a sair da egreja de S. Roque—O sr. marquez d'Alegrete e a sr.^a condessa de Alto Mearim e suas filhas—Um aspecto da procissão do Inferno—A que egreja ir agora?—O sr. D. Antonio Correia e Sá (Lavradio) e sua esposa—Saindo da egreja de S. Roque



nhedritas, e desde esse dia em que o sangue de Christo se espalhou sobre a terra adusta da Judéa, a religião por elle fundada e pregada pelos apóstolos tem soffrido os mais violentos ataques do tempo e as mais apaixonadas contradições dos homens. Apesar d'isso, a arvore do christianismo continua bracejando os seus ramos annosos por cima de meio mundo. Não ha duvida de que a ardente fê viva de outras eras se acalmou nas almas, mas ha ainda no meio do geral scepticismo dos tempos correntes crenças sinceras e verdadeira piedade. O recolhimento com que nações inteiras celebram a grande semana que vem

Mademoiselle Lobato—Saíndo da igreja—A procissão descendo a rua Larga de S. Roque—O sr. Ximenez e sua esposa
—Outro aspecto da saída da igreja—Mesdemoiselles Ribeiro da Silva—Passando á esquina da Havana



de decorrer, a persistencia das ceremonias religiosas, cujo significado symbolico se perdeu comtudo, são prova d'isso.

Meia Lisboa accorre ás igrejas que se vestem de crepes, cumprindo a cada fiel visitar sete. E' uma immensa romaria pelas ruas da cidade, a que o predominio dos fatos escuros dá um aspecto desusado. A's portas das egrejas é um yae-venn ininterrupto de gente que entra e sae, silenciosamente.

Devotas saindo da igreja—Os srs. Carlos Blanc e Jorge Costa e familias—Saindo da igreja—A procissão passando defronte da igreja do Loreto—O pallio—No Largo das Duas Igrejas



Dentro, a
meia to-
va que se
mantém
em todos
os templos
borbori-
nha o ru-
môr de
orações

discretas, evola-se o cheiro do incenso e as
pessoas movem-se com gestos lentos e sobrios,
que parecem automaticos. Ha uma onda de
mulheres e homens, principalmente mulheres,
que constantemente se renova. Uns vão por
fé, decerto; muitos por curiosidade; outros por
motivo diverso; mas o certo é que no dia da

visita ás egrejas metade de Lisboa percorre os tem-
plos da capital.

No sabbado apparece a Alleluia. Jesus resucitou.
Correm-se os véos do templo, accendem-se todas as
luzes, enfeitam-se os altares com flores e toalhas
brancas. Por toda a parte renasce a alegria e se es-
palha o ruido. Os rostos illuminam-se de satisfação,
os labios sorriem sem constrangimento. Pelas ruas
continua a mesma romaria interminavel, mas a onda
é agora mais marulhenta. As *toilettes* claras da pri-
mavera, que substituem os vestidos pretos ou róxos, in-
cutem uma impressão de alegria e de rejuvenescimen-
to, como a natureza nas arvores que começam a florir.

O sr. marquez da Praia e Monforte (Duarte), sua esposa e filhos—A setima igreja—Seguindo para o jantar—A *Mater dolorosa*
na procissão do Enterro—A procissão no regresso—O sr. conselheiro Arthur Faveiro

ESCARBOU-SE O MAGRO!



As confeitarias, com as suas armazenas anuais, são tão visitadas como as igrejas, e n'estes dias são toneladas de amendoas que se vendem para satisfizer a gulodice piedosa de Lisboa. Murmura-se um padre-nosso e roe-se uma amendoa; ou antes, por cada padre-nosso são muitas amendoas. No sabbado chega a vez das salchicharias. Arcala o magro, e sobre fundos de verniz, com decorações de papel de cores, os talhos exibem a mole immensa de carne que vai alimentar uma cidade inteira, cujo appetite monstro cresceu com a abstenção dos dias de preceito.

A alegria do dia de festa succede



á tristeza dos dias de luto, e por toda a parte estua radiosa, brilhando nos rostos, tilintando nas gargalhadas. Diante das montras das confeitarias formam-se grupos alacres de crianças e de mulheres. Correm-se sete casas de amendoas, como na quinta feira se correram sete igrejas. Pelos passeios ha um corropio ininterrupto de gente, que sobe e desce, acotovelando-se a sorrir, toda n'uma exuberancia de prazer excepcional.

Assim, o episodio de dezenove seculos revive ainda hoje, não só na sua commemoração cultural, conservada cuidadosamente pela igreja catholica, mas ainda nas festas intimas da familia e na expansão popular.

Uma volta pelas confeitarias em domingo de Paschoa

Tina di Lorenzo no theatro D. Amelia



Carini—Falconi—Angusto Rosa—Tina di Lorenzo—Visconde S. Luiz Braga—Antonio Ramos

(Photographia tirada especialmente para a *Ilustração Portuguesa*)

DR. AFFONSO COSTA E CAPITÃO HOMEM CHRISTO.
—Em virtude de uma discussão jornalística, abriu-se recentemente uma questão pessoal entre os srs. capitão Homem Christo e deputado dr. Affonso Costa. O conflicto foi entregue á solução do directorio do partido republicano, que sobre elle estatuiu, lavrando

CAPITÃO JULIO LOPES DE OLIVEIRA E CAPITÃO FRANCISCO DE SÁ CHAVES.—Os distinctos officiaes do exercito portuguez srs. Francisco Sá Chaves, capitão do estado maior de cavallaria, e Julio Lopes de Oliveira, capitão de caçadores, apresentaram no recente concurso internacional de estudos militares realizado



uma acta em que concluiu pondo de parte qualquer intervenção pelas armas.

O ministerio da guerra mandou sujeitar aquelle official a um conselho disciplinar. O conselho reuniu na segunda-feira 1 do corrente e resolveu conceder dez dias ao sr. capitão Homem Christo para responder aos quesitos que lhe apresentou, devendo depois lavrar a sentença definitiva.

em Madrid, e a que concorreram os mais illustres officiaes de todos os exercitos europeus e americanos, duas memorias que foram ambas premiadas.

As distincções conferidas aos nossos dois compatriotas constituem um facto excepcionalmente honroso e confirmam por um modo brilhante a competencia e talento militar de que ambos tinham de antemão dado provas valiosas e indiscutíveis.

♣ ♣ Figuras e Factos ♣ ♣



O CELEBRE CHIMICO BERTHELOT E SUA ESPOSA, fallecidos em Paris
no dia 18 de março



O GRANDE POETA ITALIANO JOSÉ CAR-
DUCCI, fallecido em Bolonha



O INCENDIO EM CASA DO ENGENHEIRO BAERLEIN—A fachada para o lado do jardim—A casa em ruínas—A mobilia artistica
que pôde ser salva das chammas—Mais mobilia salva do incendio depositada no jardim



GYRÃO, decano dos pintores portugueses, tem 60 annos e é restaurador do Museu Nacional de Bellas Artes com 250000 réis por mez. Quando Antonio Augusto de Aguiar creou, por um decreto, as primeiras escolas industriaes, animou Gyrão a concorrer a uma cadeira de desenho. O programma dos concursos era quasi uma these de capello. O pintor deitou balão aos seus conhecimentos e verificou que não podia tomar a responsabilidade consciente de uma empreza tão difficil. Não appareceu. Os que lá foram tambem não responderam satisfactoramente. O concurso foi annullado, abrindo-se mais tarde sob bases mais modestas.



O pintor Gyrão em 1878

é admittido por incapacidade physica. Já era macaca!

—Olhe que ainda hoje vou ver exercicios militares!

A gente olha para elle, vê-lhe aquellas barbas brancas de uma ternura patriarchal, aquelle ar repousado e timido, aquelle pisar lento e miudo; e imagina, n'um relampago, o que seria este delicioso pintor de gallos, vestido de general.

Como lhe viria esta idéa de pintar capoeiras? Sabe elle lá! Talvez pela approximação muito intima com Annunciação, de quem foi sincero e verdadeiro amigo, e que um dia lhe disse: «Porque não pinta você animaes?» — talvez o destino. Caso é que o primeiro quadro que pintou foi, — um gallo, soberbo, magestosamente emplumado, com irisações esplendentes na cauda em arco, a crista rubra, o esporão conquistador. Foi-lhe com-



Gyrão, que fizera o seu curso na Academia de Bellas Artes de Lisboa, no tempo de Malhóa, Colombano, Simões d'Almeida, Monteiro, Nunes Junior e Felix da Costa, teve de começo uma vida errante e aventureira. Um bello dia, abandona as aulas e tenta a scenographia. Os seus primeiros trabalhos são feitos no theatro das Varietades sob a direcção do celebre Candido José Xavier. O mestre, passando para o theatro de S. Carlos, leva consigo o moço pintor de bambolinas. Mas Gyrão não pára ali quinze dias: o seu genio orgulhoso e indomito, avesso a contumelias e a intrigas, obriga-o a largar aquelle genero de pintura e a voltar aos seus estudos na Academia. São seus professores Lupi, Christino e Annunciação; em architectura, Sequeira. Annunciação, o grande pintor animalista, tem por aquelle discipulo de sangue na guelra uma predilecção especial. Gyrão sente ferver-lhe nas veias a paixão da vida militar. Tem a febre da farda. Toda a sua familia fez a sua carreira no exercito. Em pequeno, acostumado a vêr espadas e uniformes, a só ouvir narrações de exercicios e de batalhas, todo o desenrolar da vida de quartel, elle sonha com guerras. Já se iniciava n'elle a *bossa* do desenho. Traça quadinhos de combates, perfis guerreiros, barretinas e capacetes. Tenta a entrada no Collegio Militar; não



prado pelo capitalista Schindler; e valeu-lhe logo, de uma assentada, uma encomenda de dois quadros do mesmo genero pelo rei D. Fernando.

Nos intervallos do atelier, dá lições por essa cidade fóra. Não pára, não se cança. Cria discipulos, alguns dos quaes conseguem destacar-se nas exposições do Gremio Artistico. Os gallos vêm uma fôna com elle; alarga as suas vistas; pinta gallinhas, coelhos, pintainhos, bandos e ninhadas, pinta lombardas appetitosas e frescas, que parecem saltar da horta. São seus alumnos a menina Salgado Zenha, os viscondes de Falcareira, de Ri-



— O mais curioso é que nunca gostei de ir ás touladas.

Tal e qual o que lhe succede com os gallos: gosta de as pintar mas nunca começa um só dos que pintou.

— Que faz você aos gallos, Gyrão? deve ter uma collecção preciosa!

Qual collecção! Tem dado tudo; o ultimo que lhe resta é esse que ahí se vê na gravura, mettido na sua gaiola, a pedir liberdade, com uma mizeza olympica de Napoleão na ilha de Santa Helena. Mas nem esse é d'elle: offereceu-o ao guarda do Museu, que o conserva orgulhosamente na sua capoeira, ao fundo do jardim.

Os modelos que lhe serviram para pintar os quadros que estão na Leão d'Orsay foram-lhe todos roubados. Isto tem uma historia. O Gyrão tinha n'esse tempo um atelier na travessa da Conceição Lapa. Belli rez-do-chão onde habitava, com seu jardim bem cuidado e sua capoeira bem fornecida; nada menos de cinco gallos, vinte galli-



O curso de desenho na Academia de Bellas Artes em 1864.—No primeiro plano da esquerda para a direita: Pires, Antonio José Nunes Junior, que foi director da Academia, Eloy d'Almeida, Braz Martins, Annibal, Gyrão—No 2.º plano: Silva Janota, Silva Orense, Sabino, Felix da Costa, Accacio, Moreira Rato, Simões d'Almeida, Moreira.

nas, uns quarenta coelhos. Uma bella manha, es-

pevitado e lepido, o pintor salta para o jardim e passa revista ás suas tropas. Mas tudo é silencio e tristeza: a capoeira está vasia! Gyrão procura, fareja, rebusca, — e encontra, a um canto, uma gallinha morta e todos os coelhos nas lutas.

Amuou, embezerrou, — e poz-se á espreita. Tinha um companheiro de atelier. Fizeram os dois, durante vinte dias, quartos de sentinella, revésando-se, apertando convulsamente uma velha espingarda carregada de sal. Não lobrigaram vir a



Dois gallos: «Frente a frente», (quadro de Gyrão)

tombo formidavel, fica com os ossos n'um feixe. Adeus esperas de touros! A lição foi dura mas serviu-lhe.





Esboço de Gyrão

N'um dia de penúria,—no verão, os discípulos estavam para as praias, a cidade parecia um cemitério,—Gyrão magicou uma idéa para arranjar dinheiro. Fez-se em casa, pinta quatorze ou quinze quadrinhos, manda-os emoldurar, aluga um homem com um tableiro e recommenda-lhe que percorra Lisboa inteira:—o ponto todo era vendel-os.

—Por quanto?

—Vocemecê pede dois mil réis por cada um; mas pode baixar até aos quinze tostões.

O homem parte, com o seu tableiro pendurado ao pescoço, cidade fóra. Pára em todos os centros concorridos, expondo a fazenda aos circustantes. Mas todos lhe riem nas bochechas e depois de miutarem e remirarem os quadros:

—E' uma imitação do Gyrão!

—Mas uma imitação muito porca...

—Ora o intrujão!...

O pobre diabo é corrido de toda a gente, sem conseguir impingir um,—para amostra. Gyrão tem, ainda por cima, de lhe pagar o frete!

Mais tarde, esses quadrinhos assignados, com sua moldura nova, são vendidos pelo pintor a quatro florás cada um.

Haue um momento em que Gyrão fez pintura decorativa: foi por ocasião do casamento e da aclamação de D. Luiz em que elle construiu um arco triumphal no Campo de Sant'Anna. Mas foi ephemera essa aventura. O que lhe quadrava sempre era a pintura animalista. Era um séstro, uma queda, uma irresistível e inexplicavel tendencia, assignalada em todas as etapas da sua vida artistica. Pois não querem vêr? Vae um domingo a uma kermesse na Outra

Banda, com um amigo. Divertem-se á tripa fórra; e para coroar dignamente tão famosa patuscada, acalam por dar fundo n'uma barraca de sortes de vintem.

—Venha de lá um bilhete!

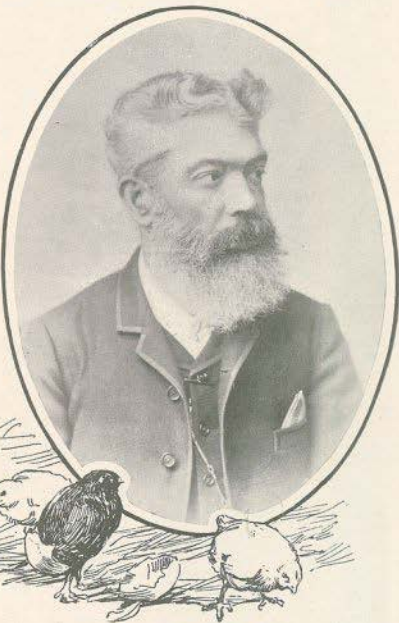
Desenrola lentamente o papelinho, atira com um

ma. Afrouxaram na vigilancia, desanimaram, dormiram regaladamente a somno solto. Dois dias depois, o mysterioso e nunca descoberto ladrão, roubava-lhe os coelhos!

numero ao pregoeiro; e qual não é o seu espanto e o do camarada quando o homem lhe traz um gallo e uma gallinha,—um suave idyllio gallinaceo, em gêsso!

Gyrão ainda hoje conserva esse tosco objecto, como uma reliquia supersticiosa.

Foi intimo amigo de Silva Porto; e com este e outros pintores lhe succedeu uma coisa patusca. Com a sua caixa de tintas, o seu cavalete e a sua paleta abalou um bello dia para o Bussaco. Almoçou e foi socegradamente para a matta, decidido a pintar coi-



O pintor Gyrão em 1889

sas maravilhosas. A certa altura, porém, o seu olhar lobriga, lá em cima, nas escarpas da montanha, pequeninos pontos negros, que vão e vêm, apparecem e desaparecem. Apura a vista, pensa com os seus botões: «são deita-gatos ou bufarinheiros.» Mas os vultos vão-se pproximando, accentuando; e quando chegam mais perto, Gyrão, surpreendido, vê apparecer nitidamente a figura de Silva Porto, Malhóa, Christino e Rodrigues Pinto.

—Ainda hoje, quando conto este episodio, ninguém acredita que não estavamos combinados.

Não estavam; foi uma alegre surpresa para os cinco que acabaram o seu dia juntos. Gyrão esboçou



quando vê atrás de si um burro novo que pastora tranquillamente.

então um quadrinho cuja reprodução acompanha este artigo, e em que se vê Silva Porto, de costas, pintando.

—Nunca pintou gallos a cantar, Gyrão?

—Só uma vez na minha vida; mas não me sahiu bom.

Por gallos a cantar: — entrou-lhe uma vez pelo atelier dentro um ratão que lhe encomendou um quadro com um gallo;

—Mas desejava que elle estivesse a cantar na *ultima nota*...

O pintor escusou-se, está bem de ver.

—Não que eu previ logo que o fi-

guração nunca ficaria satisfeito com o quadro: bastava-lhe refutar-me a authenticidade da *ultima nota*. E como poderia eu provar-lhe essa fidelidade... musical?

Isto de anedoctas é como as cerejas: — puxa-se uma — e vem logo um cabaz d'ellas. Gyrão ainda não conta tudo quanto viu, a nota picara da vida, o episodio burlesco que atravessa este valle de lagrimas como o esfusiado estralheante de um foguete, Mas vá lá a ultima, para fecho.

Foi uma madrugada, em Thomar. O pintor tinha partido para aquella cidade, em digressão artistica, com um amigo. Mas este era um dorminhoco incorrigivel. Manhã cedo preferiu a cama á frescura do campo. Gyrão foi só. A certa altura sentado tranquillamente a esboçar uma paisagem, sentiu um bafio quente nas costas, uma pancada leve. Devia ser o amigo, que



O pintor Gyrão em 1907

Fico-me calado a ruminar cá por dentro esta coisa da vida. Este atelier do Museu Nacional de Bellas-Artes está a cair aos bocados. Ha um pedaço de



«Para a liberdade» (Quadro de Gyrão) o viera surprehender.

—Está quieto, cabeça de burro!

Não se voltou. Nova pancadinha. Já irritado, Gyrão levanta-se. E qual não é a sua admiração



No Bussaco:—Silva Porto pintando (esboço a .leo de Gyrão)

tecto que tem já uma larga guella aberta para o forro; as paredes estão negras e lamentavelmente nuas; so-



ando ha uma
porta de fortes
urdes de ferro.
Não é o atelier
de um artista, é
a cela de um
presidiario.

— E dão-lhe
5000 réis por
mez, Gyrrão?

Elle não res-
ponde; parece
não ter ouvido;
o gallo, dentro
da sua pequeni-
na gaiola, não
tem tambem um
movimento: dir-
se-hia o symbolo
da vida d'este
velho candido e
cheio de ternu-
za, que nunca
pediu nada,
nunca almejou
glorias nem gran-
dezas, dentro da apertada gaiola da sua existencia
obscura e calma.



O pintor Gyrrão no seu atelier no Museu Nacional de Bellas Artes

O pintor res-
taura os qua-
dros que caem
aos pedaços; col-
la-lhes uma con-
tra tela, gruda-os
elle mesmo; e
quando os não
gruda, paga do
seu bolso a quem
lhe faça esse ser-
viço rude.

Quarenta an-
nos de vida ar-
tistica, a pintar
coisas ternas e
carinhosas; e,
ao cabo d'essa
canceira gloriosa
e placida, met-
ter as mãos em
grude para collar
molduras e ta-
par buracos, ser
ao mesmo tem-
po artista e

operario. E tudo isto por 25\$000 réis por mez!
Já é ter sorte!



Vida artistica

JORGE COLLAÇO.—O quadro de azulejos do sr.
Jorge Collaço, que reproduzimos hoje, foi enviado
pelo illustre artista para a exposição de Barcelona.
O talento revelado pelo sr. Jorge Collaço na com-

GOLDONI.—Carlo Goldoni foi sem duvida um dos
poetas italianos mais conhecidos em Portugal, onde
se representaram com successo diversas das suas pe-
ças, e ainda recentemente uma d'ellas em D. Ma-
ria, a *Locandiera*, tradu-
zida pelo sr. Mello Barre-
to e interpretada por Lu-
cinda do Carmo. E' pois
justificado que a *Illustra-
ção Portugueza* quizesse
archivar nas suas paginas
o monumento que, na oc-
casão do centenário do
seu filho illustre, Veneza
acaba de levantar ao insi-
gne poeta comico.

Goldoni era advogado,
mas parece que por lhe
faltar a clientella dedicou-
se a escrever para o thea-
tro e acabou por fazer-se
comediante, juntando-se a
uma companhia ambulan-
te, para a qual compunha
comedias no genero habi-
tual ao começo do seculo
passado. Foi então que lhe
acudiu a idéa de re-
formar o theatro ita-
liano, fazendo repre-
sentar em 1737 a pri-
meira peça que escre-
veu com esse intuito.
A sua tentativa foi co-
roada do melhor exi-
to, sendo larga a serie successiva das outras peças.



posição dos seus bellos quadros de azulejos affirma-
se mais uma vez n'este trabalho, que estamos certos
será lisonjeiramente apreciado pelos visitantes da ex-
posição.



A REAL CASA PIA DE LISBOA



QUANDO Pina Manique, arrebanhando os vadios e gatunos que ennodavam Lisboa ainda em alicerces, 25 annos depois do terramoto, os levava elle proprio para o Castello de S. Jorge, onde acabava de fundar a Casa Pia, estava muito longe de imaginar que passado

mais de um seculo essa instituição se transformaria, pela evolução dos costumes e dos caracteres, no mais benefico e salutar estabelecimento de ensino, no especimen mais modelar de instrucção intellectual e physica, de hygiene e de civismo que existe em Portugal.

Os tempos mudaram; já não são as rusgas que arrastam para a Casa Pia a escoria mais baixa da sociedade, a ralé sem abrigo que pede á noite a capa acolhedora para encobrir crimes e vícios; hoje, quando a Casa Pia dispõe de 50 logares *provenientes* apparecem 392 concorrentes! A provedoria recebe todos os requerimentos documentados; mas não se contenta em os catalogar e mandal-os para o ministerio do reino. Vae mais longe: — os seus visitantes percorrem o paiz inteiro, inquirindo escrupulo-

samente das condições do requerente e da sua familia. — a sua idade e os meios que possui de subsistencia, — e tudo descriminado d'este modo, nos mappas traçados com a maior clareza e singeleza, conscia de que cumpriu o seu dever, remette o seu trabalho ás escações tutelares, que teem a responsabilidade da escolha dos candidatos.

Nada mais simples mas tambem nada mais eloquente. O exemplo é frisante, a prova segura. De todos esses desprotegidos que vão procurar á Casa Pia o desenvolvimento das suas faculdades intellectuaes, a educação dos seus sentimentos mal desabrochados, não ha um só que sinta a sombra de um arrependimento, um só que tenha a saudade da liberdade vagabunda. Em volta d'elles, a casa cria, logo de entrada, uma atmosfera de familiaridade respeitosa, uma intimidade patriarchal e serena, uma communhão de pensamentos e de idéas, que os acompanha a vida inteira e os torna, na carreira mysteriosa a cada um destinada, irmãos de uma mesma irmandade, uma especie de franco-maçonaria que se ampara e protege através de todos os obstáculos, sob a alta egide da Casa-Mãe, que estende os braços carinhosos a todos os seus filhos, animando-os com o seu conselho, rompendo-lhes o aspero caminho, ensinando-os a ser pacientes e perseverantes, depois de lhes ter ministrado, com os conhecimentos mais uteis á existencia, os elementos primordiais para se tornarem cidadãos prestantes.

A noção exacta de um dever, a consciencia segura de um acto, a firmeza d'uma convicção, a austeridade e a constancia em todas as phases da sua vida laboriosa, tem-a o alumno da Casa Pia com a mesma clareza energica e a mesma sobriedade positiva de um velho sybarita experimentado.

Ensinam a instrucção primaria a todos; ensinam-lhes as profissões, as artes e os officios; ensinam-lhes o methodo e a disciplina. Os que sentem dentro de si o esvoaçar ainda fraco das primeiras azas de uma intelligencia mais alta, são mandados continuar os seus estudos nos lyceus e nas Academias, nas Escolas-Medicas, nas Bellas-Artes, nas Escolas Industriales. É caso raro, quasi unico nos annaes de oiro da Casa Pia, o tresmalhar de uma ovelha do rebanho. A solidiez dos seus principios, ao iniciar os primeiros labuciamientos das trevas para a luz, é uma garantia dos seus progressos no caminho do futuro. Fóra da Casa os seus habitos continuam a ser os mesmos, com a mes-



O provedor da Real Casa Pia, Jayme Arthur da Costa Pinto, no seu gabinete

na severidade de orientação, a mesma conducta irreprehensível, o mesmo amor e o mesmo carinho pelo estudo. Ninguém os espia; mas ha, dentro de cada um, um espião permanente dos seus actos, que é a sua consciencia.

A Real Casa Pia de Lisboa está installada no convento dos Jeronymos desde 1833, sendo nomeado então seu administrador geral Antonio Maria Couceiro, que iniciou o seu desenvolvimento. Em 1859 tomou conta da administração superior José Maria Eugenio d'Almeida, recebendo da Universidade e já com um nome celebre no fóro pela accusação, como agente do ministerio publico, do famoso Diogo Alves. Em 1862, succede-lhe seu filho Carlos Maria Eugenio d'Almeida; e, em 1889, Simões Margiuchi, que conservou este lugar até á sua morte. Hoje, é o sr. Jayme Arthur da Costa Pinto quem está á frente da Real Casa Pia de Lisboa. Este homem singular e extraordinario, de uma tão alta envergadura de caracter, de uma intelligencia tão clara, de uma bondade tão luminosa, é das creaturas mais raras que eu conheço. Não parece d'esta epoca; dir-se-hia ter vindo dos tempos biblicos, com a sua figura patriarchal e tranquilla, o seu desinteresse e a sua abnegação. Politico, elle não exerce o seu poder dentro do seu partido, senão para fazer bem; e tendo na Casa Pia gente de todas as facções, desde monarchicos adversarios do seu credo, até republicanos retintos e inflamados, nunca, transposto o humbral da entrada do estabelecimento, elle fez distincções ou estabeleceu represalias ou se vergou a imposições para servir vinganças ou intrigas. E' de uma inteireza rigida e singularissima; podendo, como tantos outros na sua alta situação social, accumular empregos, ser director de companhias ganhando ordenados pingues, Costa Pinto desenvolve a sua actividade commanditando varias casas de caridade, que tem n'elle o seu protector mais desinteressado e mais laborioso. O que elle caminha, o que elle se multiplica, como elle movimentado tudo em que mette, tudo o que toma a peito! Eu entrei com este provedor modelo no claustro, á hora de um descanso; e, ainda agora, eu sinto esse reflexo da

impressão que tive n'esse momento. Toda a rapaziada nos rodeou, n'uma algazarra alegre, vozeando, rindo, chilreando como pardaes n'uma horta; puxavam-lhe uns pelo casaco, outros pediam-lhe a benção; e, de repente, de todos aquelles peitos de creanças sahiu um grito, um viva unisono, na escala de diferentes tons.

— Viva o sr. Costa Pinto!

— Viva o nosso provedor!

Não ha retrahimento, não ha medo; ha uma commoção de contentamento, um prazer que se vê e que se palpa, uma familiaridade encantadora. O sr. Costa Pinto não é um funcionario da confiança do governo destacado para a Casa Pia como um vigilante feroz ou um tutor inquisitorial: — é o pae de todos aquelles desamparados, é como um symbolo

de Bondade, é quasi um semi-deus!

Ao lado do illustre provedor ha dois homens que tem um papel preponderante na Casa Pia: — são o dr. Sequeira Oliva, director, e o sr. Alfredo Soares, sub-director. O primeiro, de uma immaculada respeitabilidade de caracter, de uma honestidade e de uma capacidade que o tornam um dos elementos mais preciosos na educação dos alumnos, é uma das figuras mais sympathicas da grande instituição. Alfredo Soares é um producto da Casa Pia. Nunca abandonou aquella mãe fecunda e redemptora. Desde que para ali entrou, como um alumno humilde, até que a sua intelligencia e a sua especial sciencia pedagogica o elevaram ao alto cargo de sub-director, a sua vida aggregou-se de modo tal áquella arvore benefica, que elle é hoje uma das suas seivas mais necessarias e mais imprescindiveis.



Os alumnos 3017, Antonio Ferreira; 3027, Jayme Mafra; 3030, Armino da Cruz; 3050, Bernardo de Almeida; 3314, João Serra



O alun.no 3072, Norberto Guilhó, no banho.



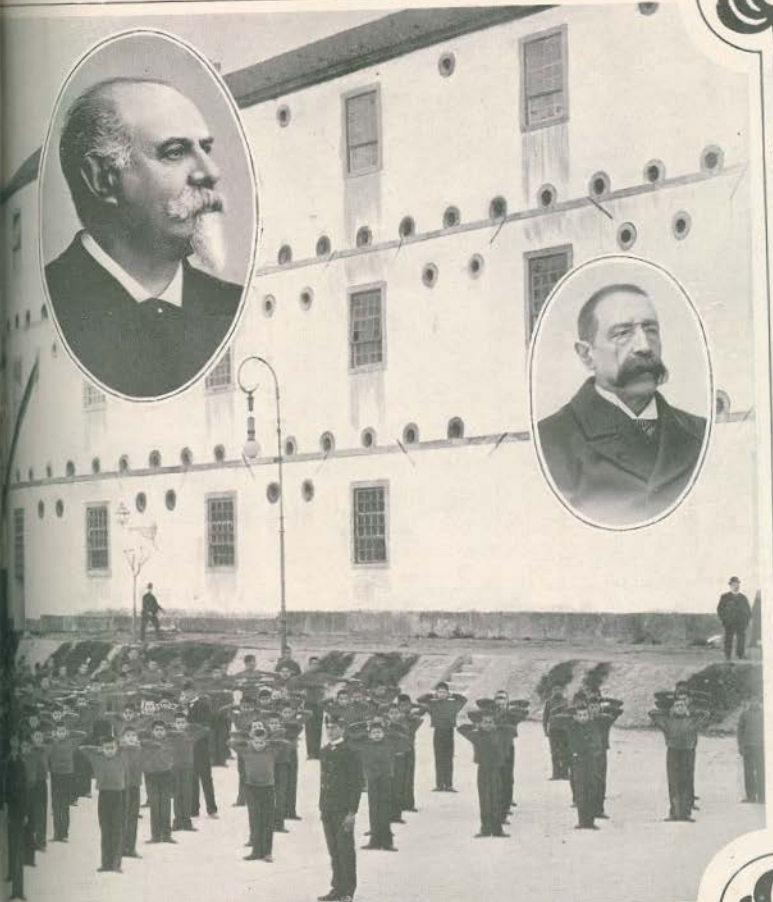
Os alumnos 3131, Antonio dos Santos; 3071, Arthur Freire; 3234, Alberto Costa; 3287, Antonio da Costa; 3261, Victor da Silva, na limpeza de uma camarata

se-lhe na gentileza, e eis-nos todos sirandando por aquelle vastissimo mundo, onde se albergam 800 creanças. Demoro-me alguns minutos no gabinete passando com os olhos a galeria dos retratos a oleo,



Alfredo Soares, sub-director da Casa Pia

300 alumnos em exercicios de gymnastica sueca com o professor tenente Camara Lenc—Grupo de 750 alumnos com a toca e tomo de cometas, commandados pelo alumno 2560 José Cordeiro, sendo porta-bandeira o alumno 2959 Campos Nery



lyne Arthur da Costa Pinto, provedor da Casa Pia

Dr. Luiz de Sequeira Oliveira, director da Casa Pia



(Clichés de Benollet)



Alunos vestindo-se depois do banho

onde se vêem as figuras austeras de antigos e eminentes alunos da casa: — Antonio Florencio dos Santos, o insigne pedagogista; Domingos de Sequeira, o famoso pintor; o escultor João José de Aguiar, autor da estatua de D. Manuel, em marmore de Carrara, que está no Museu do Carmo; Luz Soriano, o severo historiador da *Guerra Peninsular* e do *Cêrculo do Porto*; Ferreira Lapa, o barão de S. Clemente, o dr. Henrique Morley e Lemos, cirurgiões em chefe do exercito; o dr. Saturnino da Rocha, cirurgião de divisão.

Sahimos d'esta parte velha do edificio, e atravessando a primeira cerca onde os rapazes que se divertem no jogo da bola param a meio do entretenimento para vir saudar amigavelmente o seu provedor, entramos na cozinha, na casa de banhos, que vae soffrer uma transformação radical, cavando-se a todo o comprimento uma vasta piscina, nas camaratas extensissimas, cheias de ar e cheias de luz, montadas com todos os preceitos da mais moderna hygiene, tendo ao lado, a



A oração antes do almoço

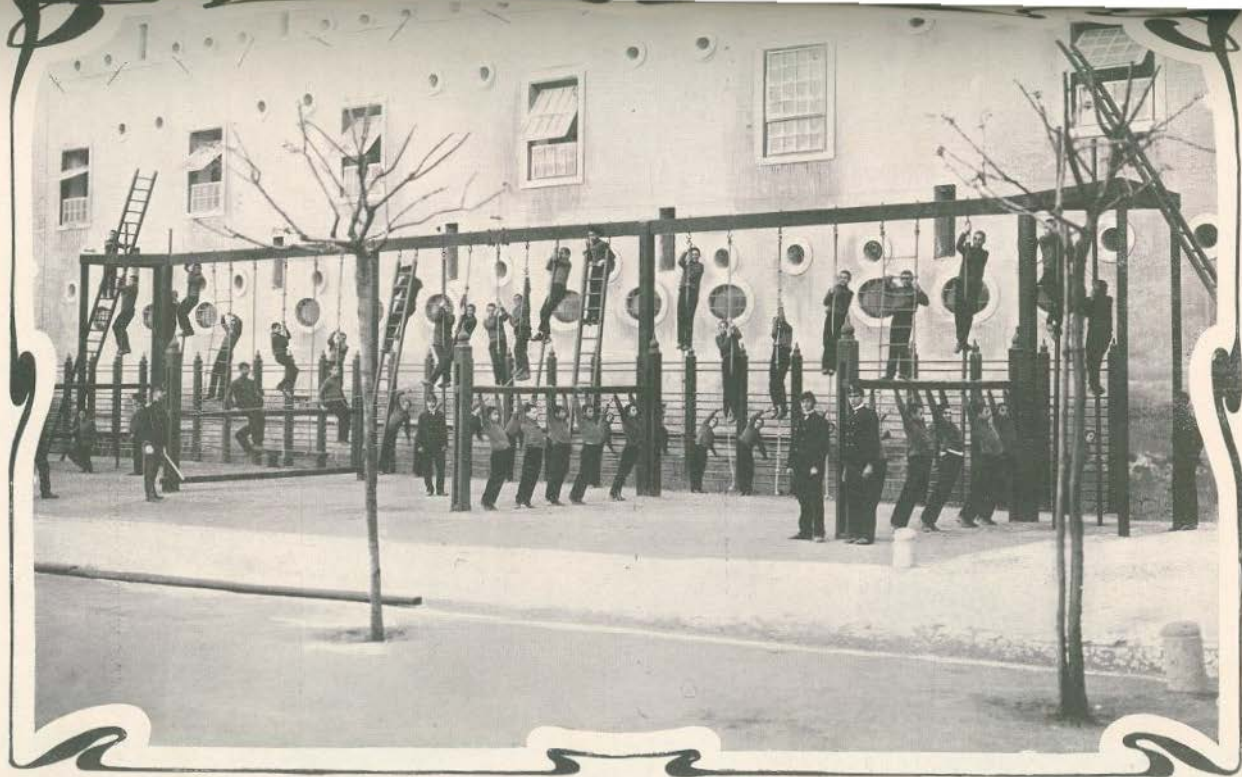


Alunos na 4.ª classe de instrução primaria regida pelo professor Madeira Nunes

todo o seu comprimento, os banhos graduados á temperatura que se quer. O alumno levanta-se; a sua primeira obrigação lavar-se todo. Com um panno enrolado á cinta, recebe a agua de cima, pulverizada atravez de um ralo. Passa depois á limpeza da camarata; e segue, durante as horas do dia, toda a sua instrucção intellectual e physica. — as aulas de instrucção primaria, de desenho, de trabalhos manuaes, de musica; as officinas; os exercicios gymnasticos; a escola de sargentos, creada ha dois annos e que prepara os alumnos para a vida militar, sahindo já d'aquelle posto, em virtude de uma auctorisação especial do ministerio da guerra.

Uma das diversões dos alumnos é o theatro, que acaba de se construir. É o distincto professor Alves Mendes o encarregado de ensinar o grupo dos pequenos actores.

O decreto de 1835 incluia na organização da Casa Pia este divertimento que é tambem um ensino, mas nunca senão agota se deu realidade a esta



Alunos em diferentes exercicios gymnasticos com o professor Camara Leme e os commandantes geraes de gymnastica 2860, José Cordeiro, 2923. Carlos Paeta e 3046 Martins Pereira

idéa tão sympathica. Em 1887, promoveu um fiel da dispensa algumas recitas infantis, armando-se para isso um theatrinho no claustro superior. Isto causou nos



O alumno 3106, Militão Pastichi Gonçalves, dando uma lição de systema metrico ao professor Mourão

alumnos o maior entusiasmo e demonstrou como seria util a applicação de esse elemento educativo. D'então nasceu a idéa de se fazer do theatro uma aula especial; e hoje, finalmente, os internados pôdem entreteimar os seus deveres escolares com esta salutar diversão.

Esta *Universidade dos pobres*, como Latino Coelho chamou á Casa Pia, tem ainda uma succursal externa, que é como que o seu complemento. Vivem ali os alumnos que estão collocados em escriptorios e outros estabelecimentos commerciaes, em officinas do Estado e particulares; se seguem os cursos dos lyceus, das escolas industriaes, do Instituto Industrial e Commercial, do Instituto de Agronomia e Veteri-



Uma classe de desenho elementar

naria, da Academia de Bellas-Artes, do Conservatorio, das escolas superiores.

Os que recebem ordenado ou salario entregam á Casa Pia metade do seu vencimento, ficando a outra metade depositada na Caixa Economica Portugueza no seu nome individual, a fim de constituir um peculio que lhes é entregue quando teem baixa na matricula da casa, isto é, quando estão em condições de se poder sustentar pelo seu trabalho. Levam, ainda, ao sahir, um enxoval completo. Mas a boa mãe não os perde de vista, ampara-os sempre, protege-os incessantemente na vida inteira.

A Real Casa Pia tem recebido importantes legados de bemfeitores. Citaremos os principaes: de Luz

Soriano, que lhe deixou toda a sua valiosissima bibliotheca e dinheiro para occorrer á despeza de tres alumnos em cursos superiores; Sebastião José de Freitas, barão de Castello de Paiva, Araújo Porto Marçal José Ribeiro, Leonardo Caetano d'Araújo, visconde de Tramagal, Pereira Merello, João Pedro d'Almeida, D. Carlota Fernandes.

Prepara uma galeria de honra onde figurarão os retratos de todos os bemfeitores bem como os seus alumnos que mais se distinguiram.

O eminente pensador portuguez dr. Theophilo Braga escreveu sobre a Casa Pia as linhas que abaixo trasladamos e que merecem ficar archivadas neste artigo porque são um alto e sabio testemunho de uma das mais legitimas intellectualidades do nosso paiz:

«E' uma das mais puras glorias de Portugal a Casa Pia; filha da situação especial da sociedade do se-



Alumnos 3210, Affonso Ochôa, 3224, José Higgs, 3375, Augusto Leone, 3159, Victor Victal, 3447, Raul da Cruz, 3413, Amílcar Mascarenhas, na aula de modelação com o professor Eduardo da Silva

culo XVIII, relaciona dignamente o nosso paiz com o movimento espontaneo *affectivo*, que caracterisa a historia da Europa na ultima metade d'esse seculo revolucionario. O seculo XVIII destaca-se pelas suas grandes audacias na elaboração especulativa ou intellectual e na acção temporal, como se vê pelas obras dos Encyclopedistas e pela destruição do regimen politico absolutista. Portugal occupa n'esse seculo destemido um logar proeminente; bastaria



Jogos escolares — Grupo de alumnos com o professor Nazareth

lembrar que iniciou a
abolição da Companhia
de Jesus e inaugurou a
revolução do ensino
na direcção do estado,
na Europa. Dois factos
que influíram directamen-
te na transformação poli-
tica e na orientação intel-
lectual. Obedecendo à cor-
rente social, em que tão ex-
tremamente actua-
ram os impulsos *affectivos*,
Nazareth soube compre-
ender e seguir essa ou-
tra revolução, que se exer-
cia por via de sentimen-
to e se proclamava ao
mundo com a eterna di-
vina: *A igualdade huma-
na perante o soffrimento*.

Es um dos aspectos
mais surpreendentes do
seculo XVIII; por toda a
parte e d'entre todas as
classes se levantam os
postulos d'este equalita-
rismo revolucionario: Ho-
mari visita as prisões do
continente europeu, des-
creve os seus horrores e
estuda o meio de benefi-
cencias com a luz morali-
zadora; Oberlin funda asy-
llos para os naufragos da
cidade, os indigentes,
os desvalidos pela cadu-
da e pela infantilida-
de; Bailly estuda o me-
lhor modo de tornar mais
procuras os hospitaes; Pi-
nel modifica a horrenda
medicina dos alienados,
que eram tratados pelas
violencias brutais das pan-
cadas e dal algemas, esta-
belecendo um regimen
benigno, que fez reconhe-
cer a curabilidade da lou-
cura que provinha das
excitações. E' n'esta
corrente de sympathia por
todos quantos soffrem,
que Bourgelat e Rozier
systematisam a medicina
para o tratamento dos ani-
maes—a Veterinaria; Hay
funda as escolas para os
cegos; Helvetius inicia a
socio-economica; Parmen-
ter faz desinteressada-
mente a propaganda da
cultura da batata, o mais
poderoso succedaneo do
plac; Beccaria combate
as penas atrozes e degra-
dantes da legislação, e
converte a pena de vin-
dicta social que era, em
uma disciplina moralisan-
te que restitua o homem
à sua dignidade. Contra
a devastação contagiosa



3186, Joaquim Filipe, 3008, Joaquim Rodrigues, 3120, Arse-
nio Ferreira, 3340, Bento dos Santos, 3456, Luiz Maria Go-
mes, na aula de trabalhos manuaes, com o professor
Nazareth



Alunos nas aulas de trabalhos manuaes, sob a direcção
do professor Nazareth



Os alumnos 3337, Armando Lourenço, e 3391, Antonio Si-
mões, na aula de trabalhos manuaes



Os alumnos 2535, Americo Saragoça, e 2981, Antonio de Oli-
veira, na officina de carpinteiro

da variola, as damas mais
formosas e illustres, como
Lady Wortley Montagu,
a condessa Buffolini, as
imperatrizes da Austria e
da Russia, a rainha Ma-
ria Antonietta, offerecem
os seus filhos para as
experiencias da vaccina,
quando as Academias
com a sua auctoridade
doutinaria combatiam a
efficacia da inoculação.

N'esta corrente affecti-
va do seculo é que nos
apparece fundada a Casa
Pia, em 1780, pela inicia-
tiva do terrivel intendente
da policia Pina Manique!
Como a força das idéas
torna os homens seus in-
strumentos. O homem im-
passivel, que exerceu o
mais tenebroso e discri-
cionario poder policial,
que então estava indepen-
dente dos proprios minis-
tros e secretarios de Es-
tado, é justamente o que
converte a caridade in-
certa e casual em um sys-
tema de assistencia publi-
ca! Caiu a semente em ter-
reno apropriado e em esta-
ção propicia. Medrou e ra-
dicou-se profundamente.

No meio social portu-
guez a instituição da Casa
Pia resistiu intemerata a
todos os cataclysmos; co-
mo um orgão nacional
imprescindivel, assistiu
aos desastres do começo
d'este seculo, quando as
hostes napoleonicas de-
vastaram o solo portuguez,
manteve-se na laboriosa
transição do regimen abso-
lutista para o estabeleci-
mento do liberalismo-con-
stitucional, entre o des-
memoriar das ordens mo-
nasticas e o estrepito dos
assedios militares, as re-
voltas dos partidos e as
intervenções armadas. Ti-
nha por base a humani-
dade, e esta mais se nos
revela pelas fatalidades
cosmicas e sociaes.

A Casa Pia tem histo-
ria que bem merece ser
conhecida, como monu-
mento que glorifica a na-
ção, e como lição que
fortifica as consciencias;
mas, ainda melhor do que
as suas mais luminosas
paginas do passado, ahi
a veneremos na sua mis-
são permanente e sempre
sublime da preparação do
futuro.»



Esta preparação é feita na Real Casa Pia com um escrupulo tão minucioso e tão attento que nós vemos em todas as classes da sociedade portugueza alumnos do mesmo estabelecimento pagar os mais altos cargos, desempenhar-os com maior dignidade e o com especial acerto. E' esta instituição não fornece apenas os elementos indispensaveis para a educação intellectual do alumno, ensina-o a ser cidadão patriotas, excellentes chefes de familia, excellentes funcionarios publicos, activos commerciantes, homens de sciencia e de espada, com a mesma fé e o mesmo enthusiasmo que os apóstolos de um crêdo desenvolvido na propagação dos seus ideaes.



Alumnos 2543. João da Silva e o, Alberto Torres, na officina de carpinteiro

Tudo se deve, este resultado tão maravilhoso e tão extraordinario, ás successivas direcções que tem estado á frente do grande e utilissimo estabelecimento. Mas, indiscutivelmente, o maior impulso tem-lhe sido dado pelo actual provedor, que não descança um minuto, não abandona



Alumno 928, Virgilio Rainha, transmitindo um telegramma

aquelle internato, não desacompanha o seu movimento, trazendo-o sempre a par dos seus similares estrangeiros, ás vezes com sacrificio das suas occupações politicas e particulares. N'este homem de um espirito tão requintadamente altruista, prevalece, acima de tudo, o dever caridoso e social a que dedica todas as suas horas, mesmo aquellas que os outros aproveitam para seu deleite e prazer pessoal.



O alumno 3150, Joaquim Pimenta, dando lição de musica, com o professor Caldeira

tem em melhor conta ainda o seu papel de benemerito, escusando-se a dignidades e a veneras com que el-rei tanta vez o tem querido galardoar. Pois se elle nem sequer é conselheiro ou visconde! A sua carta, os seus pergaminhos são mais valiosos e mais raros ainda: elles são feitos das benções de todas as mães, do reconhecimento de tantas centenas de creanças, de lagrimas agradecidas de tantos desgraçados. E quanto não vale isto mais que todas as benesses!

Ao lado de Costa Pinto já nós tivemos o prazer gratissimo de destacar os perfis do dr. Sequeira Oliva e de Alfredo Soares, director e sub-director da Casa Pia. Mas ha ainda a frizar a cooperação valiosissima e proficiente de todos os professores, a quem se deve uma grande parte do desenvolvimento da Casa Pia, que, todos, procuram auxiliar com a sua intelligencia e o seu methodo pedagogico, a sua assiduidade no serviço dando, sobretudo, um exemplo modelar com a sua bondade e o seu carinhoso trato para com os rapazes.



O alumno 3553, Antonio Duarte, recebendo um telegramma



Ensaio de musica, com o professor Domingos Caldeira



Um grupo de antigos alunos da Real Casa Pia

(Cliche da Phot. Vasques)

O sr. Cesar da Silva, professor e actual bibliotecário da Casa Pia, publica ha annos uma monographia muito interessante e muito completa sobre o estabelecimento, servendo-o nos seus tres ramos principaes: — a educação no Castello, a educação no Desterro e a educação em Belem. Referindo-se, n'esse trabalho, ao ensino dos surdos-mudos na Casa Pia, diz:



Alumnos do curso de sargentos, esgrima de bayoneta

O ensino dos surdos-mudos fez tambem a Casa Pia notaveis progressos. Uma portaria de 20 de dezembro de 1830 tinha ordenado que a commissão administrativa, de accordo com o commissario José Marques e José da Luz, cuja habilitação se tornou notavel, foram matricular-se na Academia

de Bellas-artistas, em 1845 e 1846. O primeiro d'estes foi premiado logo no primeiro anno do seu curso.

Em 1835 fôra encarregado o empregado Bernardo José Frago de reger o collegio dos surdos-mudos e de lhes servir de professores. Esteve até 1840. Esse anno foi nomeado professor um surdo-mudo, Maria Pereira, que aprendera n'aquelle instituição e que sempre tinha as provas de subida inteligência e hababilidade. Com este cargo accumulou a de escriptuario da fazenda. Era um calligrapho muito apreciavel.

Nos sabemos qual era o metodo usado por estes professores, nem se nos facil averigual-o; a verdade, porém, é que na Casa Pia se ensinavam esses alumnos a ler e a escrever, como se demonstra referido Pereira e n'outros muitos que passaram pelo estabelecimento.

Por isto que o methodo trazido da Suecia pelos professores Borg, não esquecido, nem desaproveitado, para felicidade de muitos d'esses desgraçados.



Alunos do curso de sargentos em exercicio



Grupo de alumnos da aula de sargentos em exercicio de tiro com o tenente Camara Leme e instructor sargento Torres



O alumno 215, Raul d'Assumpção, do curso de sargentos, preparando-se para montar uma bicycle



O alumno 2723, Carlos Baeta, na instrução preparatoria de tiro, com o professor tenente Camara Leme e instructor sargento Torres

Um surdo-mudo por nome José da Costa, que aprendera na Casa Pia, dava lições no Porto, por volta de 1807, a outros surdos-mudos. Tambem era alfaiate, como elle dizia, sendo portanto um d'aquelles que encontramos figurando na officina de alfaiateria.

Um dos ramos profissionais a que de preferencia se dedicavam os surdos-mudos na Casa Pia, era o desenho. Dois d'elles, Francisco José Marques e José da Luz, cuja habilitação se tornou notavel, foram matricular-se na Academia

Trabalhou por muitos annos na lithographia da Imprensa Nacional um surdo-mudo chamado José Cypriano da Costa e Sousa, que na Casa Pia aprendera a sua arte. Outro ex-alumno exerceu em Lisboa a profissão de photographo. Tinha o atelier para os lados da Mouraria. Outro, chamado Raphael Picuta, era gravador e escultor. Houve finalmente na capital outro ex-alumno que obteve grande celebridade pela sua extraordinaria força e que era designado pelo mudo d'Alcantara. Tinha a profissão de latoeiro de folha branca. Todos estes sabiam ler e escrever. Foram pois assignaladamente proveitosos, para muitos d'esses desherdados da natureza, os cuidados que a administração da Casa Pia lhes prodigalisava.

Um acontecimento desgraçado veio porém anniquillar aquella tão meritória instituição.

Em 1844 suspendeu o governo a pensão que dava, desde 1833, para auxilio

dos surdos-mudos, e essa inclemencia, que veio agravar as más circumstancias economicas com que o estabelecimento estava lutando, desorganizou completamente aquella aula. Em 1860 foi extinto de facto o collegio de surdos-mudos.

Actualmente, esse ensino já se professa n'um externato da Casa Pia, graças á iniciativa do sr. Costa Pinto. N'outro artigo da *Illustração Portuguesa* nos referiremos a essa instalação modelar.

Faça tambem o autor da monographia dos cegos da Casa Pia.

Quanto aos cegos, que tambem tinham collegio especial na Casa Pia, pouco ou nada se fez para o seu ensino. Ainda em Portugal não eram conhecidos os methodos de ensino com que ao presente se consegue minorar de algum modo a desventura d'esses não menos desherdados da natureza. Consta-nos, em todo o caso, que n'uma das arrecadações d'este estabelecimento existiam, ha alguns annos, uns quadros com letras em relevo que se affirmava terem servido para o ensino d'essas infelizes.

O que positivamente se lhes ensinava era musica.

O terrivel mal das ophtalmias, que durante muitos annos zombou de todas as medidas tomadas para seu aniquilamento continuava a flagelar os pobres orphãos e cada anno lançava nas trevas eternas alguns dos atacados.

D'ahi resultava a necessidade de empregar em qualquer coisa o numero sempre crescente de cegos que existia no estabelecimento. Em 1841 já estava constituída a banda dos ceguinhos, que tocava na praça de toiros do Campo de Sant' Anna e n'outras funções. Deveu-se aos esforços e pie-

dade de Victor Jorge, um dos membros da commissão administrativa, a constituição d'esta banda.

Outro meio de arrumar aquelles que a Casa Pia, em todo e em todo não podia manter era mandá-los para o Asylo da Mendicidade. Um triste e indispensavel remedio.

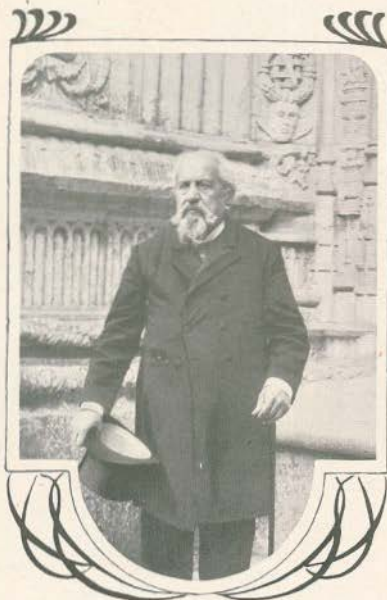
Para frisar bem o contraste da Casa Pia em 1834 com o seu desenvolvimento actual basta citar um trecho do memorio lido a D. Pedro pelo provedor Concilio quando aquelle soberano ali fez a sua primeira visita. Disse o administrador da Casa Pia:

«... Vossa Magestade Imperial conhece, na sua acertada politica que a illustração e educação publica é a muralha mais forte a oppôr aos ataques da tyrannia e fanatismo; illustrar os povos para que façam boas leis e as guardem, são os principios luminosos de vossa magestade imperial e a singular protecção que tem dado á Casa Pia é a prova mais decidida d'esta verdade e dos sentimentos philanthropicos que movem o coração de vossa magestade.

«Em virtude do decreto de 30 de julho de 1833, pelo qual vossa

magestade se dignou nomear-me administrador da Casa Pia, tomei conta d'este estabelecimento no dia

3 de agosto, achei centos de infelizes orphãos do mal trajados e de pouco assitados que faria do nojo representá-los taes como appareceram—doentes quasi todos, pelo mau alimento e contaminado da habitação—um beldio pelos rigorosos castigos, outros do farçados e molentes,—toda a casta de vicia tolerada. E os tristes orphãos, como meninos vistas, ainda mais miserias, entre apertadas



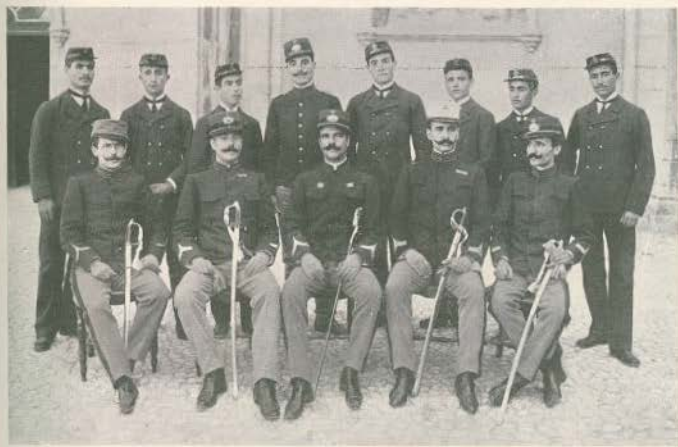
Pedro Eusebio Leite, decano dos professores da Casa Pia



Sentados: *Prefeito Moraes, prefeito geral Santos e prefeito Teixeira*
—De pé: *Prefeitos Leites, Rosario, Bugalho, Santos, Silva, Cunha, Ferreira e Quintino*



Bibliotheca da Real Casa Pia com o seu bibliothecario, sr. Cesar da Silva



O primeiro grupo de alumnos que completou o curso de sargentos, com os seus professores e membros do jury do exame final
 No primeiro plano:—Srs. tenente Almeida, tenente Camara Leme, capitão Amaro Dias, capitão Sampaio e alferes Torres
 No segundo plano:—Alumnos, 2412, José Martins; 2848, José Constantino de Carvalho; 2549, José da Cunha; 2282, Jayme Ferreira;
 o sargento instructor Formozinho; 2330, Alberto Gusmão; 2902, Antonio de Carvalho, e 2370, Francisco Abrantes
 (Cliché do photographo amator Alves Mendes.)



Grupo de alumnos do theatro com o professor Alves Mendes:—2432, Alfredo Simões; 2312, Martins Pereira; 2391, Abel Correia; 2345, Antonio Lino; 2482, Fialho Gomes; 2412, José Martins; 2367, Olivio Carmo; 2730, Carlos Caldeira; 2355, Hilario da Penha.—Um ensaio no theatro da Casa Pia com o professor Alves Mendes

gelosias, encarceradas em humidos, escuros e abafados dormitórios;—a rouparia desprovida, a despena exausta—enfermarias onde a caridade não apparecia nem a medicina se aperfeiçoava;—dois maus mestres de primeiras letras, e mal dirigidas officinas

de officios mechanicos, onde não havia um alumno que se distinguisse. Debalde algum queria estudar — sapateiros, frades ou voluntarios realistas eram os unicos destinos d'esses nfelizes.

Um corpo de administração com apparencias de tribunal, e doze empregados—um cartorio em monte—uma escripturação informe—uma divida de 31:812\$200 réis incluindo o desvio feito ao cofre das loterias de 22:812\$000 réis, destinado á construcção d'uma praça de touros, mal feita, e que até agora ainda nada rendeu para esta casa. Eis senhor o sombrio quadro d'este estabelecimento n'aquella época.»

O conselheiro Viale publicou em 1866 um *Bañojo metrico*, que dedicou á Casa Pia. A dedicatória, feita aos alumnos, começa por estes versos:

Filhos do pae celeste, orphãos na terra,
Mas mimosos da lusa caridade,
Nobres exemplos este livro encerra
De alto valor e de christã piedade:
Lendo de nossos reis, na paz, na guerra,
Tantas acções de esforço e heroicidade,
Vereis que, d'elles digna, a lusa gente
Briosa sempre foi, sempre valente.



O ex-alumno Adolpho de Mesquita, electricista da Casa Pia



Oração antes do jantar
(Clichés da casa Bobone e de Benoit)



— Grupo de alumnos do Collegio Externo da Casa Pia que frequentam as Escolas Industriaes
 — Alumnos do Collegio Externo da Casa Pia que frequentam o Lyceu, a Escola de Bellas Artes
 o Instituto de Agronomia e Veterinaria, o Instituto Industrial, o Conservatorio,
 com o seu director sr. Monteiro — Grupo de alumnos do Collegio Externo da Casa Pia, empregados
 em officinas, escriptorios e estabelecimentos commerciaes



Peor que a morte!

Como vivem em Africa
os marinheiros condemnados
em S. Julião da Barra

S. Julião da Barra não foi um epilogo do drama: — os marinheiros vivem ainda em Africa, na nossa possessão occidental de Angola. Corre o paiz, como um rastilho a que o primeiro gesto de bondade lançou generosamente o fogo, um pedido de perdão que já conta dezenas de milhares de assignaturas. Foi *O Seculo* quem levantou o primeiro grito,

e logo no coração de todos os portuguezes desabochou espontaneamente, radiosa e pura como uma aurora de primavera, a flôr azul e perfumada da clemencia e da piedade.

Mas enquanto esse movimento tão humano aluzo pelo paiz inteiro, esperando que Sua Magestade El-Rei o sancione com o seu augusto *verdictum*, como vivem em Africa todos esses homens que as leis inexoraveis atiraram para o desterro, longe do carinho e affecto da familia, longe d'este pedaço de terra livre tanta vez ensopada em sangue generoso de martyres, longe d'este céu e d'este sol que



A fortaleza do Penedo, em Loanda, onde estão presos os marinheiros

do como uma carícia affavel de luz abençoada. Ha em Loanda duas fortalezas que servem de modelo: — a fortaleza de S. Miguel e a fortaleza do mundo, em S. Pedro da Barra. A primeira é reservada para os presos civis e tem a denominação de Depósito Geral de Degredados. S. Miguel, edificada num morro alto, no ponto mais salubre da cidade, uma especie de hotel ou sanatorio, onde, ás vezes proprias, o condemnado tem a certeza de encontrar o pão, o caldo e o catre.

Mas se a fortaleza de S. Miguel representa o paraíso dos presidiarios civis, a fortaleza do Penedão é, para os militares, o inferno com os seus horrores mais espantosos, é a morte lenta, é a agonia nas trevas, o estertor desamparado de todo o

dade, — e o que é mais triste — talvez ainda não seja a verdade absoluta e transparente. A *Cova da Onça*, uma das prisões de S. Pedro da Barra, onde estão alguns dos marinheiros, é uma casa subterranea que mede 6 a 7 metros de comprimento por 5 a 6 de largo. Fecha-a uma abobada que tem 5 metros na sua maior altura; recebe luz e ar por uma claraboia em forma de chaminé circular, cuja abertura tem apenas 0^m,40 de raio, e pela porta de entrada, gradeada de ferro, que abre sobre o patamar interior da escada que conduz á prisão. Foi sempre mal illuminada e peor ventilada. *N'esta casa não ha camas nem tarimbadas: apenas, por mobiliario, o caneco de policia e um cantaro para agua.*

— Mas isso é peor que a morte!

— Peor que a morte, diz bem. Mas ainda eu não lhe descrevi todo o horror da scena. Sabe quantos presos são encarcerados n'este cubiculo? Quasi sempre 30 e, ás vezes, mais. Alguns teem permanecido ali largos mezes. E como se não fôsse bastante este scenario pavoroso para o desenrolar do drama, os desgraçados soffrem supplicios que um tribunal do Santo Officio se não envergonharia de sentenciar: — o mais suave d'elles são as chibatadas de cavallo marinho, distribuidas sem commiserção, até deixar em sangue as carnes dos reclusos.



ocorrido humano, — o emparedamento em vida! Os marinheiros condemnados em S. Julião deixaram de ser homens para reverterem á categoria de sombras. Em volta d'elles tudo é silencio e espanto. Nenhum ruido exterior interrompe a placidez pavorosa que escorre das paredes da *Cova Escura* ou da *Cova da Onça*. Apenas, de longe a longe, como um soluço do magoa, o oceano lhes levara, na hora calma da noite, a noticia de que o mundo se não acaba á entrada funebre d'aquella sepultura longinqua.

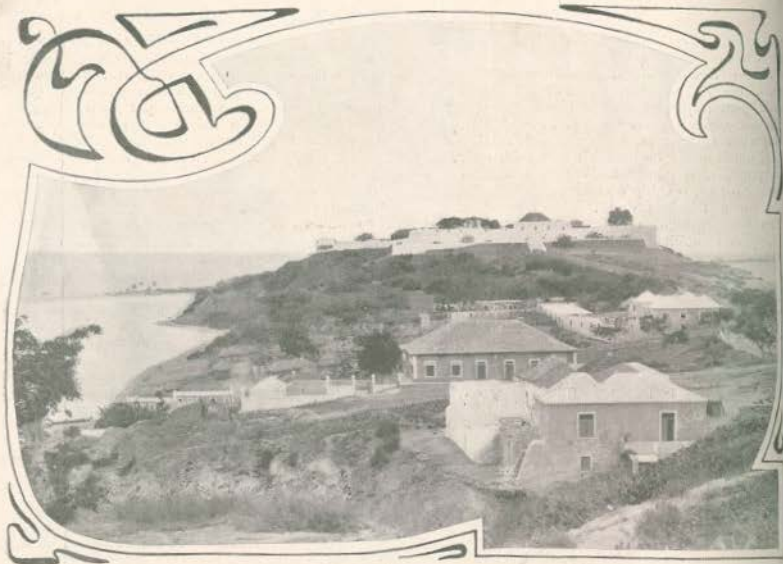
Para que não se supponha que a *Illustração Portuguesa* trata levianamente um assumpto tão grave, não procurámos cautelosamente, com uma rebusca e uma prudencia benedictinas, os informes mais completos; e agora mesmo, ao transpôr para o papel, da bocca tão auctorizada que nol-as forneceu, as notas fugubres, de um descriptivo tão nitido como uma agua-forte na sua seccura arripiante, que levantam diante dos nossos olhos pavidos, vivo e intenso como um episodio dantesco, esse quadro tragico, custamos a conceber que o homem civilisado trate o seu semelhante, no rutilo alvorecer d'este seculo tão adeantado, peor ainda do que se tratavam escravos, peor ainda do que se tratam feras!

— Sim, diz-nos o nosso illustre interlocutor, custa realmente a acceitar, tão repugnante é o facto á nossa consciencia e ao nosso coração. Mas é a ver-



Dois aspectos da cidade de Loanda

E ai do que dêr um gemido! Quando um condemnado soffre — e o soffrimento, conta-se pelos minutos de vida que caminham lentamente! — não pode levantar-se, não pode soluçar, não pode reprimir consigo só a sua dor e a sua miseria. Veja o horror da situação, imagine quanta força d'animo é precisa para supportar este duplo supplicio: — soffrer e não poder transmittir o reflexo da sua dor á sua alma attribulada! Compreende bem que do temperamento dos commandantes da casa de reclusão depende a applicação dos castigos. Infelizmente, parece que temos o mau sestro de os recrutar sempre entre as feras mais indomaveis da especie humana. E não lhe conto tudo, porque ha coisas que até nos envergonhamos de pensar e que não podem ser



A fortaleza de S. Miguel em Loanda

transmittidas em letra redonda. Mas a *Cova da Onça* é um eden comparado com a *Casa Escura* da mesma fortaleza.

— Pois ainda ha peor?

— Se ha! Não lhe posso dizer com exactidão as dimensões da masmorra porque nunca lá entrei. Mostaram-m'a uma vez que estive em S. Pedro da Barra; mas não a fiquei conhecendo, porque, quando abriam a porta, tive necessidade de me afastar, com

receio de ser queimado pelo bafo que d'ali sahia. Calculo, no entanto, que deve ter uma capacidade de 50 metros cubicos, quando muito. Na occasião em que a visitei estavam

lá dentro 23 homens! A *Casa Escura* fica debaixo de um rochedo, tendo por tecto uma abobada formada pelo mesmo rochedo. Corre ao longo de uma outra casa, tambem destinada a prisão, que é pouco maior e tem, por unica abertura, uma porta gradeada de ferro. A porta de entrada para a *Casa Escura* é de madeira, chapeada de ferro. Sobre esta porta abre uma outra de 0^m,50 de alto por 0^m,15 de largo. As trevas lá dentro são completas, porque a fresta, que deita para outra casa mal illuminada, não chega a dar entrada á luz. A permanencia na *Casa Escura* tem, como pena

accessoria — para o horror ser ainda mais sublime — o jejum a pão e agua, em dias alternados. Ali se tem exercido, com muita frequencia, scenas do maior barbarismo.

— Mas porque se exercem tão inauditas violencias?

— A's vezes, por uma insignificancia; para um soldado do batalhão disciplinar, a simples falta a uma formatura do recolher; para um condemnado, o crime hediondo, ... de não ter feito a barba ao domingo!

Na sua singularidade selvagem, em toda a enormidade infernal de seu quadro, a tragedia que se está desenrolando em Africa com os marinheiros condemnados em

S. Julião da Barra, ali fica nas suas linhas genaes. Não carregamos o contorno aspero do espectro; namos, simplesmente, o facto. Mas é elle tão brutal, bóle tão intimamente

tão inteiramente com os sentimentos mais rudimentares na especie humana, talvez mesmo com os sentimentos instinctivos nos animaes mais ferozes que o enunciao assim, sem redundancia de phrase, sem mais coloridos de expressão, bastará, cremos nós, para que o paiz inteiro se levante a clamar *Piedade*, a clamar *Justicia*, a clamar *Bondade*, a clamar *Humanidade*!



Tres dos marinheiros julgados em S. Julião da Barra

NOVO DIAMANTE AMERICANO

Rua de Santa Justa, 96 Junto ao elevador

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A única que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 réis, broches a 800 réis, brancos a 4500 réis o par. Lindos collares de perolas a 15000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei.

Não confundir a nossa casa



PREMIADA em varias EXPOSIÇÕES - FORNECEDORES da CASA REAL

Bicyclettes

A casa «Simplex», a que mais barato vende, acaba de receber de Inglaterra um completo sortimento de bicyclettes e acessórios que se vendem a preços sem competencia. Bicyclettes «Simplex», «B. S. A.» e Linon. Recebeu-se nova remessa da nova marca de bicyclettes «Imperial», ultimamente adquirida por esta casa e que tão lisonjeiro acolhimento tem tido, devido não só a sua elegancia e boa qualidade de fabrico e de todos os accessorios como bem esmaltada e de quadro tracejado, que se vendem a preços sem competencia. Grande sortimento de protectores inglezes, buzinas, lanternas e correntes, etc. etc. Já está em distribuição o novo catalogo de 1906-1907. Descontos para revender.



J. CASTELLO BRANCO, Rua do Soccorro, 48, e Rua de Santo Antão, 32 e 34 - LISBOA

Companhia de Papel do Prado

Companhia de Papel do Prado

SOCIÉDADÉ ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Proprietaria das fabricas do Prado, Matianã e Sobretimbo (Chomar), Penedo e Casal d'Herminio (Louza), Valle Maior (Albergaria a Velha).

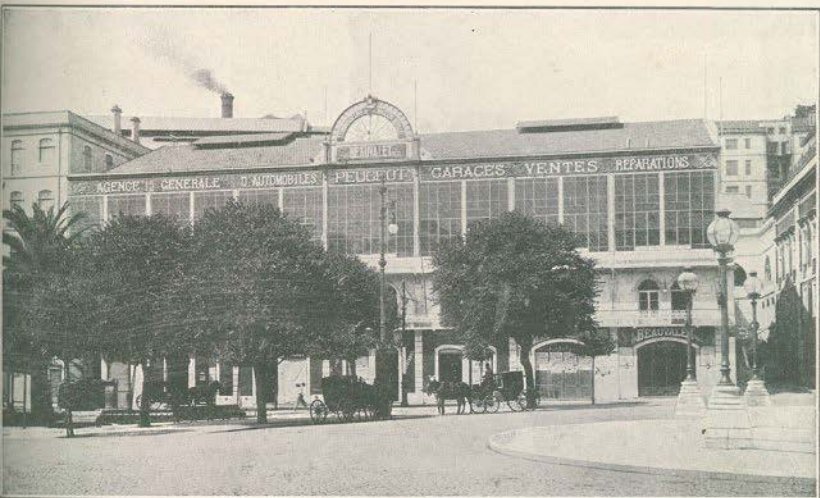
Lisboa - 270, Rua da Princesa, 276

Porto - 49, Rua de Passos Manuel, 51

ENDEREÇOS TELEGRAPHICOS: Lisboa, Companhia Prado

Prado - Porto - Lisboa = NÚMERO TELEPHONICO: 508

A mais importante casa de automoveis em Portugal



ALBERT BEAUVALET & C.^a Representante de PEUGEOT A MAIS AFAMADA MARCA DE AUTOMOVEIS.
PRAÇA DOS RESTAURADORES, LISBOA

Agente em Paris: — Camille Lipman, 26, Rue Vignon

SOCIEDADE PORTUGUEZA

DE SEGUROS

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Séde em Lisboa = **32, Rua do Ouro, 32**

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

VICTORINO VAZ JUNIOR — CONDE DE SILVES — ANTONIO MARIA DE OLIVEIRA BELLO JUNIOR
— CARLOS REINKE — JORGE O'NEILL — J. W. N. BLECK — MARQUEZ DE GOUVEIA

CONSELHO FISCAL

CONDE DA GUARDA — ANNIBAL VAZ — ANTONIO SERRÃO FRANCO — FERNANDO D'OLIVEIRA BELLO
— MANUEL JOAQUIM ALVES DINIZ — *Gerente*: R. PEIXOTO

5:000\$000 (cinco contos de réis)
EM INSCRIÇÕES

*Distribuido como bonus aos segurados portadores das
suas apolices contra o risco de incendio em Portugal
e ilhas e em vigor no dia 30 de Dezembro de 1907*

1 de 2:000\$000

1 de 1:000\$000

2 de 500\$000

5 de 200\$000

O sorteio será feito entre os numeros das proprias apolices, entrando n'esse sorteio com igual direito ao bonus todas as apolices em vigor no dia 30 de Dezembro de 1907, qualquer que seja o **CAPITAL SEGURO** e **QUALQUER QUE SEJA A DATA DA APOLICE**. D'este modo aproveitarão não só todos os actuaes segurados da Sociedade, como todos aquelles que com ella effectuarem contractos até 30 de Dezembro do corrente anno, tendo a vantagem de segurar contra o risco de incendio os seus haveres, mobílias, estabelecimentos e predios, pelos premios mais resumidos n'uma companhia de 1.^a ordem, participando ao mesmo tempo nos importantes bonus que a SOCIEDADE PORTUGUEZA DE SEGUROS resolveu distribuir.

Para quaesquer esclareci-
mentos dirigirem-se á

Séde da Sociedade em Lisboa
R. do Ouro, 32

e a qualquer das agencias da Sociedade nas provincias
de Portugal e Ilhas